

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Subsídios para uma sociologia reflexiva do esporte.

Juliano de Souza y Wanderley Marchi Júnior.

Cita:

Juliano de Souza y Wanderley Marchi Júnior (2009). *Subsídios para uma sociologia reflexiva do esporte. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1881>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Subsídios para uma sociologia reflexiva do esporte

Juliano de Souza

Universidade Federal do Paraná

Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)

julianoedf@yahoo.com.br

Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná

Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)

marchijr@ufpr.br

Introdução

Em inúmeras oportunidades de sua obra, Pierre Bourdieu se referiu ao fato de utilizar a sociologia contra suas próprias determinações, argumentos e limites sociais, tentando assim fornecer e sistematizar elementos para uma análise sociológica do desenvolvimento do seu trabalho. (BOURDIEU, 1990, p. 38-39; BOURDIEU, 2005).

O que o sociólogo, de antemão, está sugerindo obviamente não se restringe apenas ao questionamento do seu papel enquanto cientista social, ou então enquanto alguém que foi capaz de elaborar uma sofisticada teoria sociológica – uma abordagem que se não podemos chamar de acabada, ao menos, podemos conferir um *status* muito próximo de tal intento.

De uma forma mais precisa, ao se colocar e colocar suas formulações em xeque num exercício de auto-sócio-análise, Bourdieu pretende frisar a importância de avançarmos rumo a uma

sociologia da sociologia, quer dizer, a uma sociologia do fazer sociológico. Esse empreendimento, Bourdieu denominou de sociologia reflexiva, (BOURDIEU, 1989; BOURDIEU & WAQUANT, 2008) a qual, para sermos mais exatos, consiste em um exercício de conversão pessoal (meio de corpo e alma) ao ofício sociológico.

Conforme Bourdieu, a profissão de sociólogo requer a incorporação de um novo *habitus* intelectual, um *habitus* cuja particularidade reside na interiorização dos princípios constituintes e norteadores de sua teoria do conhecimento sociológico. Um novo *habitus* sociológico tal como Bourdieu concebe é o que permitiria ao pesquisador construir um objeto de pesquisa segundo os princípios de construção do próprio objeto.

Exatamente por isso, é que Bourdieu não entende a sociologia do conhecimento como uma especialidade dentre outras, mas como um dos requisitos primeiros para a constituição de uma sociologia propriamente científica. (BOURDIEU, 1983, p. 18). Dessa forma, a sociologia do conhecimento de Bourdieu, ao mesmo tempo, remonta e transcende a tradição sociológica durkheimiana, já que ele procura instaurar uma perspectiva de apreensão do mundo social onde o sociólogo não renuncia seu privilégio epistemológico de explicação dos fatos sociais, mas também não desconsidera o valor das experiências dos agentes num universo empiricamente delimitado. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999; WAQUANT, 1997).

A interessante solução apresentada por Bourdieu para resolver o dilema entre de um lado o “empirismo cego” e de outro a “teoria sem controle” (WACQUANT, 2002), consiste na prática daquilo que ele chama vigilância epistemológica, e que, sucintamente falando, se trata de um método de sondagem onde o pesquisador procurar trabalhar a teoria do conhecimento sociológico e a teoria do sistema social de forma envolvente, relacional e reflexiva.

Essa vigilância epistemológica, por sua vez, exige ainda uma ruptura com aquelas prenoções, ou melhor, pré-construções (“os titulares”, “os bons jogadores”, para ficarmos com exemplos mais esportivos) que cerceiam e organizam o mundo social, as quais, de uma forma muito perigosa, conduzem os pesquisadores a tomarem falsas evidências e falsas certezas como se fossem verdadeiras.

No entanto, essa rigorosidade instaurada pela vigilância epistemológica (que *a priori* é bem contrário de rigidez), não significa que o pesquisador deva desprezar ou então romper com a materialidade empírica que é pertinente aos objetos de pesquisa, mas simplesmente se atentar para o processo de construção dos mesmos prezando pela objetividade teórica na interpretação do universo empírico e, acima de tudo, não tratando os fatos como dados, igualmente fazem os que se enveredam por caminhos mais positivistas.

De um modo mais incisivo, o que Bourdieu defende é a conversão intelectual, a ruptura com noções estereotipadas e a recusa de juízos de valor (sejam aqueles provenientes do senso comum ou então do âmbito acadêmico) como condições de urgência para que se instaure a vigilância epistemológica no campo da sociologia e de modo que os objetos de pesquisa possam ser mais bem construídos e problematizados.

No presente artigo, pretendemos apresentar alguns primeiros subsídios teórico-metodológicos que balizam aquilo que entendemos ser uma sociologia reflexiva do esporte. Para tanto, iremos apresentar um breve panorama histórico-sociológico sobre o desenvolvimento do campo da sociologia do esporte a partir dos anos 1980, primeiramente no cenário internacional, fazendo, em seguida, inferências ao cenário brasileiro e latino-americano.

A urgência em elencarmos algumas das principais tensões geradas no referido campo, especialmente entre aqueles estudiosos que contribuíram para a consolidação desse espaço, se faz imprescindível para que possamos caminhar de fato em direção a uma sociologia reflexiva do esporte. E isso porque uma sociologia reflexiva do esporte é muito mais do que simplesmente transferir uma série de conceitos e esquemas analíticos de caráter reflexivo em si para substanciar a leitura do fenômeno esportivo.

Uma sociologia reflexiva do esporte é também, e acima de tudo, compreender a produção do conhecimento gerado sobre e nesse espaço. Em palavras próximas a de Bourdieu, seria fazer uma sociologia do conhecimento sociológico na forma que ele adquire corpo de representatividade no campo da sociologia esportiva.

O desenvolvimento do campo da sociologia do esporte a partir de 1980

No decorrer das décadas de 1980 e 1990 a sociologia do esporte começa a se desenvolver de uma forma mais ampla se inserindo, inclusive, em novos contextos do cenário mundial. O que, no entanto, percebemos neste processo é que os pesquisadores, muito mais que proporem outros modelos analíticos para estudar o esporte, buscaram dar continuidade aos legados teóricos que construíram o campo das ciências sociais em termos de produção de conhecimento durante os séculos XIX e XX.

Um parâmetro avaliativo destas possíveis inserções da sociologia do esporte, assim como, do caráter de reprodução teórica no campo em que ela própria constitui, pode ser elaborado na medida em que estabelecemos, num empreendimento similar ao de Dunning no artigo “Sociology of sport in the balance” (2004), uma possibilidade de comparação entre o “Handbook of social science of sport”, editado por Günther Lüschen and George H. Sage (1981) e o “Handbook of sport and society” publicado por Jay Coakley e Eric Dunning (2000). De acordo com Dunning, a

primeira coletânea compilou contribuições de um número relativamente pequeno de países – 06 apenas – enquanto sua coletânea e de Coakley ampliou esse número para 13 países. Na primeira coletânea foram publicados 24 artigos sendo que 16 destes eram de autores norte-americanos. Na coletânea de Coakley e Dunning o número de artigos publicados aumentou para o número de 49, sendo 14 contribuições de autores norte-americanos e 15 de pesquisadores da Ucrânia. (DUNNING, 2004, p. 13-14).

Nesse sentido, pudemos perceber que o “Handbook of social science of sport” de 1981, se caracteriza como uma obra predominantemente composta por trabalhos de pesquisadores dos Estados Unidos, e os artigos publicados, por conseguinte, refletem o paradigma estrutural-funcionalista norteador do campo da sociologia norte-americana naquele contexto. Já o “Handbook of sport and society” organizado no ano 2000, embora conte com 29 publicações divididas entre Estados Unidos e Ucrânia, já aponta para um ecletismo maior em termos dos países representados na composição dos textos da coletânea. Além do mais, os textos do “Handbook of Sport and Society” contemplam vários paradigmas das ciências sociais e, em sua maioria, não apresentam descrições empíricas destituídas de reflexões teóricas.

Outro dado que nos chama bastante atenção nessas duas coletâneas é a ausência de trabalhos de pesquisadores da América Latina como referências em sociologia do esporte em termos internacionais. Diante desse quadro ligeiramente apontado uma questão de maior urgência nos incorre: Será que a sociologia do esporte é uma área de investigação que tem sido negligenciada na América Latina, ou então, os trabalhos sociológicos do esporte desenvolvidos nesse continente é que não são levados em conta pelos agentes e instituições em condição de definirem e imporem uma visão do que seria primeiramente sociologia e, em seguida, sociologia do esporte?

Na tentativa de fomentar uma reflexão mais sólida sobre essa questão, sentimos a necessidade de recorrer a uma realidade mais palpável e concreta. Sendo assim, decidimos concentrar nossos esforços momentâneos em alguns aspectos, a nosso ver, cruciais do desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil. Essa opção se justifica pelo fato de nos ser uma realidade bastante familiar, além do esporte no Brasil assumir uma conotação social completamente diversificada, e que, por sua vez, não é exterior e alheia ao processo de desenvolvimento da sociologia esportiva no país.

Pelo que nos parece o campo da sociologia do esporte no Brasil dá alguns passos importantes rumo a um caminho de consolidação neste início de século XXI. E isso não por uma simples eventualidade do estágio da discussão científica em que nos encontramos, mas graças a alguns primeiros esforços e movimentos engendrados, sob determinadas circunstâncias e contingências históricas, no campo das ciências sociais e no campo da educação física. Mais

precisamente, o que estamos tentando dizer é que o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil se deu a partir de alguns fios condutores, que a nosso ver, se ramificam essencialmente em três possibilidades: (1) via sociologia do futebol ou, se preferirem, estudos sócio-antropológicos do futebol; (2) via teoria crítica do esporte preconizada por autores da educação física a partir de 1980; (3) via história das práticas esportivas.

O primeiro fio condutor que pudemos identificar se estabelece na relação aparentemente conflituosa viabilizada entre sociologia do esporte e sociologia do futebol, na medida em que o desenvolvimento da primeira área parece ter sido fomentado, ao menos no Brasil, em função do desenvolvimento da segunda. Um dimensionamento melhor do que estamos dizendo, poderia ser dado se, por exemplo, resolvêssemos mapear o estado da arte dos estudos que a partir do século XX foram produzidos no âmbito das ciências sociais e que sugeriram alguns caminhos significativos para a implementação de uma sociologia do futebol no país.

Vale lembrarmos, nesse sentido, que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, já a partir do final da década de 1920 tivera a sensibilidade de perceber o futebol como um objeto passível de ser problematizado sociologicamente. (SOARES, 2003). Outra contribuição para a sociologia do futebol foi relegada pelo jornalista Mário Filho, que em 1947 publica a primeira edição do livro “O negro no futebol brasileiro”, o qual foi prefaciado pelo próprio Gilberto Freyre. (FILHO, 2003). É interessante notarmos, que embora Mário Filho não tivesse vínculos com a academia e muito menos com a sociologia, seu livro foi exaustivamente reproduzido no âmbito das ciências sociais e utilizado como uma referência para pensar alguns problemas relativos à inserção do negro e das camadas mais pobres da população no universo do futebol. (SOARES, 2003).

Um exemplo mais incisivo da recorrência ao futebol como escopo das análises sócio-antropológicas em nosso país, pode ser vislumbrado ainda na obra do antropólogo Roberto Da Matta, sobretudo nas que foram publicadas a partir do final dos anos de 1970 e início dos anos 1980. (DA MATTA, 1978; 1982a; 1982b) Já como ilustração mais recente, temos o trabalho de Murad (2007), Helal (1997), Helal; Soares; Lovisollo (2001), Foer (2005), e Toledo (2002).

Este último autor cuja formação também é em antropologia, nos chama atenção por apresentar em determinado momento de sua obra, “Lógicas no futebol”, uma revisão de literatura (1982-2002) sobre o que ele entende ser a incursão das ciências sociais no terreno empírico que constitui o fenômeno esportivo, deixando claro que para o autor o esporte se apresenta como um drama encarnado na dimensão simbólica do futebol.

Obviamente esses são apenas alguns dos estudos sobre futebol que têm sido produzidos no âmbito das ciências sociais no Brasil ao longo do século XX e início deste século XXI, sem falarmos ainda das iniciativas muito próximas que vem sendo viabilizadas no campo das pesquisas

sócio-culturais em educação física, no campo da história, da geografia etc. Quanto à área de educação física, é importante mencionarmos os trabalhos de Soares (1994; 1998), Kowalski (2001), Daólio (2005), Reis (2006), Reis; Escher (2006) dentre inúmeras outras contribuições resultantes de dissertações, teses, participações em eventos, publicações em periódicos e elaboração de livros.

Entretanto e independente das áreas originais em que se vinculam esses estudos supracitados, uma consequência mais nítida podemos perceber de forma geral em suas estruturas teórico-metodológicas e escopo: ambos convergem no sentido de fornecer uma interpretação da sociedade brasileira a partir do futebol, o que, reforça nossa hipótese de que tais iniciativas contribuíram, em primeira instância, com a emergência de um campo da sociologia do futebol e, em seguida, da sociologia do esporte.

Mas se por um a lado, esses estudos multidisciplinares sobre a temática do futebol apresentaram significativas contribuições para a sociologia do esporte no Brasil, por outro, podem também ser considerados como um fator de limitação para o desenvolvimento do referido campo, posto que olhar a sociedade pela ótica de um único esporte, sem estabelecer a relação dele com as demais opções de prática e consumo esportivo oferecidos aos agentes, fornece uma visão um tanto quanto reducionista e parcial das relações sociais.

Um segundo fio condutor que, de certa maneira, sustentou o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, começa a se edificar a partir dos anos 1980, juntamente com a ascensão do chamado movimento crítico da educação física, cujos protagonistas procuraram repensar a atuação profissional e a produção de conhecimento na área para além da perspectiva anatômico-motora. Para tal investida, esses pesquisadores buscaram aportes teórico-metodológicos na obra de autores consagrados nas ciências humanas e sociais, o que lhes permitiu problematizar com mais propriedade e consistência algumas questões pertinentes à prática da educação física na escola, aos padrões de estética disseminados na sociedade, as manifestações sociais do esporte e uma infinidade de outros temas.

Com relação à temática do esporte, ou melhor, a percepção do esporte enquanto uma prática social repleta de significados e ideologias, vários pesquisadores da educação física no Brasil foram consideravelmente críticos e incisivos em suas argumentações, sobretudo, aqueles que se pautaram nas correntes marxistas tão em voga no contexto dos anos de 1980 no país. Alguns trabalhos orientados na direção marxista devem ser lembrados, nesse sentido, como por exemplo, o de Medina (1983), Taffarel (1985), Castellani Filho (1988), Bracht (1992), Coletivo de Autores (1992).

No nosso ponto de vista, esses pesquisadores procuraram denunciar, dentre outras inquietações suscitadas em suas obras, o papel das práticas esportivas enquanto uma ferramenta de

reprodução dos valores da sociedade burguesa. De uma forma mais específica, esses autores, com reflexões tão importantes na história do pensamento da educação física no Brasil, foram talvez os primeiros a encararem o esporte numa dimensão mais alargada e, ao mesmo tempo, com um viés crítico.

No entanto, o papel dessas pesquisas no desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil nos parece ter um valor auxiliar, ao passo que as mesmas constituem um *corpus* teórico-conceitual que enfatiza apenas as questões negativas, reprodutivistas e ideológicas do esporte no âmbito da educação física escolar, cumprindo os objetivos propostos pelos referidos autores em seus textos, mas deixando uma lacuna de discussão a ser problematizada no universo esportivo de uma maneira mais específica e aprofundada.

Essa lacuna, a nosso ver, foi retomada no Brasil por Valter Bracht em 1997, quando o autor apresenta a primeira edição de seu livro “Sociologia crítica do esporte: uma introdução”. Nessa obra, Bracht afirma que a relação existente entre o esporte e o estado depende da forma como a sociedade civil se articula com este último. Nesse sentido, o esporte pode se apresentar como canal de reprodução da força de trabalho; como um elemento de enorme potencial de instrumentalização política a ser utilizado pelo estado; ou como exercendo uma espécie de efeito de estabilização e atenuando as tensões sociais. (BRACHT, 2005).

O terceiro, e talvez mais decisivo, fio condutor da sociologia do esporte no Brasil foi constituído, como já mencionamos anteriormente, via história do esporte. Essa tendência de desenvolvimento da sociologia propriamente esportiva começa a se tornar mais perceptível a partir de 1990, e graças aos esforços do historiador e professor de educação física Ademir Gebara, o qual desempenhou um papel fundamental na criação dos Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física, sendo o primeiro deles realizado em 1993 na Universidade Estadual de Campinas/São Paulo.

Como pontos vitais desses encontros, devemos destacar as duas primeiras visitas do sociólogo inglês Eric Dunning ao Brasil e, principalmente, o fomento de uma preliminar discussão do esporte a partir de uma perspectiva histórico-sociológica (ou sócio-histórica) embasada na obra de Elias e Bourdieu, recém traduzidos no país naquele período e talvez os principais sociólogos de renome a dedicarem um espaço significativo para discussão do fenômeno esportivo em suas obras. (GEBARA, 2006)

Além disso, foi sob a orientação de Ademir Gebara que se produziram alguns dos estudos mais consistentes em sociologia do esporte no Brasil, e que começariam a marcar na transição do século XX para o XXI, um momento de maior representatividade para este campo no país. Dentre esses estudos, dois nos chamam bastante atenção e apresentam uma devida maturidade na leitura

dos textos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu: a tese de doutorado do economista Marcelo Weishaupt Proni (1998), sobre a estruturação e transformação do futebol em esporte-espetáculo conduzido pelas leis mercantis, e a tese de doutorado do professor Wanderley Marchi Júnior (2001) sobre as mudanças operadas no voleibol brasileiro durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 no sentido de transição do amadorismo para o profissionalismo e re-significação desse esporte enquanto um espetáculo esportivo.

Dadas essas vias de desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, que obviamente não são as únicas, temos a ressaltar, entretanto, que somente neste início de século XXI é que a mesma começa a ser reconhecida no cenário internacional, e em função dos bons estudos empíricos teoricamente direcionados que têm sido produzidos a partir da sociologia configuracional de Elias e da sociologia dos campos de Bourdieu.

Cabe aqui lembrarmos o considerável papel do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, na consolidação dessas perspectivas sociológicas como referências para leitura do esporte e do lazer no Brasil. Inclusive, o referido grupo liderado pelo professor Wanderley Marchi Júnior, trabalha diretamente interligado com a *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte* (ALESDE), recentemente formalizada em 2008 e que tem o próprio Wanderley como vice-presidente.

A propósito, no final de outubro de 2008 foi realizado na Universidade Federal do Paraná/Curitiba/Brasil, o primeiro encontro da *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte*. **Nessa primeira edição do evento, participaram como conferencistas o presidente da** Associação Internacional de Sociologia do Esporte (ISSA), o professor Steve Jackson da Universidade de Otago/Nova Zelândia; o vice-presidente da Associação Européia de Sociologia do Esporte (EASS), o professor Jerzy Kosiewicz da Universidade de Varsóvia/Polônia; e o sociólogo do esporte Jay Coakley da Universidade do Colorado/Estados Unidos. (MARCHI JÚNIOR; NUNES; ALMEIDA, 2008).

No entanto, a importância do evento não se restringiu unicamente à presença desses pesquisadores de renome internacional, mas pelo contrário, foi estabelecida uma vez que essa oportunidade formalizou, ou melhor, institucionalizou a inserção da América Latina no cenário global da discussão fomentada em torno da sociologia do esporte. No caso específico do Brasil, o referido evento afirmou mais uma vez a Universidade Federal do Paraná com um dos principais centros de desenvolvimento da sociologia do esporte no país, com projeções de que a referida instituição futuramente se junte aos reconhecidos centros mundiais de desenvolvimento em sociologia do esporte.

Quanto às causas que explicam a tardia inserção do Brasil, ou melhor, da América Latina nesse quadro internacional de pesquisa e estudos em sociologia do esporte, sugerimos que uma discussão mais densa seja viabilizada levando em conta, além das questões propriamente científicas, fatores de desenvolvimento cultural, político e econômico. Outra medida interessante consiste em abordar esse panorama numa perspectiva macro-processual, o que não significa que devamos desconsiderar as particularidades do desenvolvimento da sociologia do esporte em cada uma das realidades constituintes e reguladoras da vida social nos mais variados países latino-americanos.

Algumas considerações

Segundo os argumentos sustentados por Loïc Wacquant (2008, p. 26-30) podemos inferir que existem no mínimo duas perspectivas de apropriação da teoria sociológica de Pierre Bourdieu para estudar o esporte. Uma primeira maneira mais pontual, e que consiste em utilizar e estender seus conceitos como ferramentas de leitura e análise de uma determinada realidade empírica. Outra forma mais abrangente, e que preza pela lealdade acadêmica preservada ao método sociológico por ele desenvolvido.

Essa segunda via de assimilação é, segundo nosso ponto de vista, aquela que, potencialmente, permite aos estudiosos do esporte trilhar um caminho de reflexividade tal como Bourdieu preconizava. E isso porque utilizar o método de investigação aprimorado por ele pressupõe que o pesquisador já detém certo domínio sobre as ferramentas de apreensão do mundo social (*habitus*, campo, capital etc.), ao mesmo tempo em que já tem desenvolvido a consciência de que para compreender a fundo determinado espaço é também necessário problematizar a gênese do conhecimento anteriormente produzido sobre este mesmo espaço. Talvez seja por isso que Bourdieu sempre advertira que seu método não poderia ser estudado separadamente das pesquisas onde fora empregado. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Por conseguinte, esse resgate histórico das tendências de produção sociológica construída sobre o campo dos esportes é bem diferente daquela etapa integrante de todo trabalho acadêmico e que consiste em apresentar uma boa revisão de literatura, um levantamento bibliográfico, ou então, de maneira mais exaustiva, um mapeamento sobre o estado da arte do tema a ser pesquisado.

Em termos mais precisos, conhecer os antecedentes históricos, ao menos em linhas gerais, da produção sociológica e epistemológica reservada ao campo das práticas esportivas – o que, dentro de nossos limites, tentamos rapidamente fazer nas páginas acima – é condição primeira para ser possível entender, sob diferentes ângulos, os próprios problemas que nos são colocados sobre este espaço, já que as disposições acadêmicas do corpo de especialistas que se debruçam sobre o

esporte, muitas vezes, nos impõem um olhar mais ou menos “treinado” a respeito das tensões demandadas no próprio campo esportivo.

Para romper exatamente com essa persuasão imposta pelos universos de produção científica, é que Bourdieu advoga em favor de que os sociólogos façam uma história social dos problemas, dos objetos e dos instrumentos de pensamento, de modo que se instaure um movimento de ruptura com o “pré-construído douto” e com o “bom senso científico”. De maneira mais precisa, e como nos garante Bourdieu:

Para se não ser objeto dos problemas que se tomam para objecto, é preciso fazer a história social da *emergência* desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho coletivo – freqüentemente realizado na concorrência e na luta – o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como *problemas legítimos*, confessáveis, publicáveis, públicos, oficiais (...). (BOURDIEU, 1989, p. 37).

Assim, antes de olharmos sociologicamente para o campo esportivo é necessário nos debruçarmos sob o campo de produção sociológica constituída em torno deste mesmo campo, ou o que dá no mesmo, realizar um trabalho social sobre a elaboração dos instrumentos de construção dessa própria realidade social legitimada academicamente enquanto objeto de investigação. Nisso consiste encarar a teoria do mundo social e a teoria do conhecimento como partes de uma mesma etapa do fazer sociológico. Eis, portanto, o primeiro aspecto de reflexividade que tentamos resgatar nesse artigo com a pretensão de futuramente apresentar, dentro de um quadro teórico-metodológico mais amplo, aquilo que seria os pressupostos bourdieusianos para constituição de uma sociologia reflexiva do esporte.

Referências

- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. Fieldwork in philosophy. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 16-48.
- BOURDIEU, P. Introdução a sociologia reflexiva. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, pp. 18-56.
- BOURDIEU, P. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, P, CHAMBOREDON, J-C, PASSERON, J-C. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.
- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- COAKLEY, J. & DUNNING, E. *Handbook of sport and society*. London: Sage, 2000.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DA MATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DA MATTA, R. Futebol: Ópio do Povo X Drama de Justiça Social, *Novos Estudos*, 1(4), São Paulo, 1982a.
- DA MATTA. *O universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982b.
- DAÓLIO, J. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DUNNING, E. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends, *Sport in Society*, vol. 07, n. 01, pp. 01-24, 2004
- FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GEBARA, A. *Conversas sobre Norbert Elias: Depoimentos para história do pensamento sociológico*. 2. ed. Piracicaba/SP: Biscalchin Editor, 2006.
- HELAL, R. *Passe e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELAL, R; SOARES, A. J; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Maud, 2001.
- KOWALSKI, M. *Porque Flamengo?* Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.
- LÜSHEN, G. & SAGE, G. H. (eds). *Handbook of the social science of sport*. Champaign, IL, Stipes: 1981.
- MARCHI JÚNIOR, W. *"Sacando" o Voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP, 2001.
- MARCHI JÚNIOR, W; NUNES, R. J. S; ALMEIDA, B. S. 1º Encontro da **Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, Esporte na América Latina: atualidades e perspectivas. Anais. Curitiba, UFPR, 2008.**
- MEDINA, J. P. *A educação física cuida do corpo... e mente*. Campinas, SP: Papirus, 1983.
- MURAD, M. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

- PRONI, M. W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP, 1998.
- REIS, H. H. B. *Futebol e Violência*. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.
- REIS, H. H. B.; ESCHER, T. A. *Futebol e Sociedade*. Brasília: Líber Livro, 2006.
- SOARES, A. J. *Malandragem, futebol e identidade*. Vitória: UFES-SPDC, 1994.
- SOARES, A. J. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, P. (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, 2003, v. 1, p. 145-162.
- TAFFAREL, C. N. Z. *Criatividade nas aulas de educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002.
- WACQUANT, L. Durkheim e Bourdieu: a base comum e suas fissuras, *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 48, pp. 29-38, Jul. 1997.
- WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal, *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n. 19, pp.95-110, Nov. 2002.
- WACQUANT, L. Hacia una praxeología social: la estructura y la lógica de la sociología de Bourdieu. IN: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008, pp. 25-90.